

FENG SHUI: CONTROLANDO AS MISTERIOSAS ENERGIAS QUE NOS CERCAM

Norton F. Corrêa¹
nortonfc@ibest.com.br

O presente trabalho enfoca o fenômeno chamado *feng shui* e alguns aspectos de seu crescimento junto a segmentos mais escolarizados da população. O *feng shui* é considerado como um ramo do esoterismo que teria sua origem na China. Num primeiro momento me estendo um pouco pelo entorno que lhe serve de moldura, no Ocidente, passando depois à manifestação em si.

A metodologia incluiu observações diretas em livrarias, bancas de jornais e lojas que trabalham com tais tipos de materiais, em São Luís², e consultas a livreiros de São Paulo e Porto Alegre. Em São Luís, ainda, entre várias pessoas, entrevistei diversas vezes uma das mais conhecidas especialistas da cidade (referida como Y., adiante). Fiz igualmente observações em seu consultório e na casa de um casal de amigos em comum, a quem ela sugeriu mudanças no ambiente. Além disto baseio-me na obra de Campadello (s/d), um manual prático para a compreensão e aplicação do *feng shui* em residências).

Pressupostos

Um primeiro pressuposto a considerar é que o cristianismo, tal como entende o filósofo inglês Bertrand Russel (1967), mais do que uma simples modalidade religiosa, constitui-se numa cultura, a “cultura cristã-ocidental”, graças à onipresença milenar, abrangência, influência e imbricamento que representa em relação ao Ocidente. De fato, cosmogonia, cosmologia, cronologia, cosmovisão, códigos legislativos, morais, de ética e conduta e filosofia ocidentais, são de matriz cristã.

Em outro local (Corrêa, 1992), proponho que o Cosmos cristão é cindido maniqueisticamente em duas metades, o Bem e o Mal. A concepção-pessoa (ou seja, o que se entende que uma pessoa é) católica-cristã, vê o indivíduo como dotado, além do corpo, também de uma alma imortal. Esta tem conotação positiva, pois é *espírito*, e como tal semelhante a Deus. Já a idéia de corpo é negativa, tanto por ser *matéria* (que se opõe a espírito), como fonte de perigo, pois é responsável pela perda da alma. Ambos estão sob um efeito-gangorra: se privilegiarmos os desejos do corpo (leia-se o prazer), a alma será condenada a tormentos eternos. E para a salvação desta, o corpo deve ser colocado em segundo plano. Levado aos extremos, tal desprezo ruma para a dor, não sendo por menos que o modelo a ser seguido, Jesus, é representado como tendo sofrido a dor máxima, a morte sob tortura. Em suma, a dor salva e o prazer condena. O prazer máximo do corpo se realiza no sexo - mais

¹ Antropólogo, professor da Universidade Federal do Maranhão.

² Numa dessas lojas, na Rua Grande, a mais movimentada da cidade, pode ser encontrada uma parafernália incrível de objetos de todos os tipos: móveis, figuras de indianos, material decorativo mas carregado de significado, budas, anjos, velas de todas as cores e formas, pirâmides ocas e maciças etc. Vários destes materiais foram indicados pelos vendedores como pertencentes ao *feng-shui*.

particularmente no orgasmo. Não é por outro motivo que as restrições ao sexo estão entre as preocupações centrais do catolicismo. Em função disto é que afirmo que o modelo idealizado de pessoa, no Ocidente, é a que teria o sexo crucificado.

Um segundo pressuposto é que o catolicismo detém muito mais poder, no Ocidente, do que o protestantismo. Em primeiro lugar, porque a igreja católica foi a matriz fundadora e depois produtora praticante única deste contexto durante mais de 1500 anos, só no século XVI, com Lutero, perdendo o monopólio do campo religioso. Em segundo, embora o protestantismo congregue milhões de adeptos no mundo ocidental e tenha assumido considerável influência também política e cultural (veja-se Inglaterra e EUA), um grau muito grande de independência intergrupar (para não se falar em pulverização) marca as milhares de sub-modalidades religiosas surgidas. Estas, desprovidas de uma espinha dorsal representada por uma hierarquização geral interna do poder, têm muito menos condições de ditar políticas de âmbito mais amplo, geopoliticamente falando. O mesmo, porém, não ocorre com o catolicismo. É justamente a hierarquia e estratificação internas, inerentes a seu modelo religioso desde a fundação, que permitiu que atuasse como um bloco único. Fundamental é o fato de haver no topo dessa hierarquia uma figura representativa e emblemática, o Papa, cuja voz, muito mais do que a de qualquer líder protestante, ecoa com grandes reflexos no mundo. Tal estrutura proporcionou ao catolicismo um imenso, abrangente e longo poder, não apenas no campo da religião, simbólico, mas no temporal - político, social, econômico e cultural.

Um terceiro pressuposto é que conjunto de conhecimentos entendidos como *Ciência*, no Ocidente, também nasceu sob a égide da cultura cristã-ocidental, já que seu surgimento tem não mais do que 300 anos. A filha saiu à mãe. Por exemplo, as tentativas de Santo Agostinho, Tomás de Aquino e outros de, weberianamente falando, racionalizar a doutrina cristã tiveram como contrapartida os esforços de Descartes e do positivismo de Comte (que ele considerava “a religião da Humanidade”) para racionalização do campo científico. Assim, de certa maneira o positivismo/cartesianismo estão para a ciência como o cristianismo para o campo religioso. Com efeito, no cerne de ambos se fazem presentes concepções como a existência de um Cosmos perfeito (já que criado por uma divindade perfeita) e polarizado em todas as suas instâncias. Se para o pensamento cristão tal coisa se reflete, como disse, na idéia de um fracionamento do mundo em metades opostas e inconciliáveis, Bem/Mal (e Céu/Inferno, Deus/Diabo, Luz/Trevas, espírito (alma)/matéria (corpo) etc.), no cosmos positivista/cartesiano corresponde à crença na também existência de uma *exatidão* tão absoluta quanto a outra, representada pela matemática/geometria. Em outras palavras, o cartesianismo e o positivismo transferiram à ciência as idéias de dogma ou absolutos, do cristianismo. A ciência e a cultura cristã-ocidental também acreditam na existência *da verdade*, como categoria absoluta e eterna, ao mesmo tempo que desenvolvem procedimentos muito similares para sua busca. Tais similitudes devem-se principalmente ao fato de a ciência e o cristianismo ocidentais terem a base na filosofia grega.

O modelo em crise

A era da chamada pós-modernidade vem atuando como um ciclone, no Ocidente, onde revolteiam, interagem, misturam e se retro-alimentam novas idéias

e concepções quanto ao pensamento científico e religioso, avanços tecnológicos extraordinários, a explosão dos meios de comunicação de massa e informação, a chamada globalização. Um dos efeitos do turbilhão foi provocar a aceleração de crises, algumas já antigas e profundas, na visão de mundo ocidental.

No campo religioso cristão, a igreja católica, justamente por seu caráter de bloco³, influência e abrangência, parece ter sido a grande vítima da crise. No trajeto do declínio progressivo de seu poder político e religioso, fenômenos importantes, historicamente, o iluminismo, o cisma luterano, a separação oficial entre poder religioso e civil em muitos estados nacionais modernos (no Brasil, com a Constituição de 1891), e mais recentemente, quando o problema se acentua, os Concílios de Medellín e Puebla, nos anos 1960. Ambos são ao mesmo tempo o alarme de perigo e a tentativa de reverter tais perdas através da adoção de novos rumos. No centro da nova rota, a “opção pelos pobres”. Possivelmente, foi o isolamento e desconhecimento (para não se falar no pecado da soberba...) da cúpula da intelectualia vaticana quanto a seu rebanho mais humilde, suas características e idiossincrasias, que agravou o ritmo de queda. O erro consistiu em acreditar que para atrair e/ou manter os pobres seria necessário viabilizar uma melhor compreensão da religião, o que resultou em consideráveis modificações no catolicismo. Na esteira destas simplificações e modificações - mais avanços, observe-se, quanto à racionalização da religião - santos padroeiros de alto prestígio entre os pobres, como São Jorge, foram banidos do panteon oficial, práticas religiosas do catolicismo popular passaram a ser duramente criticadas e perseguidas, o Latim foi substituído pelas línguas locais. Os efeitos, entretanto, foram diametralmente opostos ao desejado: a desmistificação litúrgica - ou desencantamento, para usar Weber - provocou, justamente junto ao público-alvo, a grande massa das ovelhas mais pobres, uma enorme sensação de desamparo face às incertezas do cotidiano. De fato, a sensação de segurança transmitida pela presença constante e concreta do sobrenatural - santos milagreiros poderosos, bênçãos, mistérios rituais etc. - foi consideravelmente varrida. Restou um mundo quase vazio de encantamento, pouco adequado a essas vítimas da *aflição*⁴. A extrema abrangência, entretanto, generalização, antigüidade e peso do modelo religioso cristão atuaram como um poderoso fator de inércia que lhe garantiu grande sobrevida nestes segmentos. Menos escolarizados, passaram muito ao largo da crise paradigmática científica, mas não da religiosa. O vácuo produzido encarregou-se de jogar contingentes inteiros de fiéis para os braços de religiões populares, para as quais o mundo é plenamente encantado, sacralizado e povoado de seres sobrenaturais, a presença da instância divina é efetiva, milagres e mistérios compõem o cotidiano. São exemplos as afro-brasileiras as pentecostais e neopentecostais⁵. As duas últimas, ainda, associaram a estas características o fundamentalismo bíblico, sem dúvida, também, uma rejeição às novidades do catolicismo.

³ As igrejas evangélicas, embora seu peso, em termos de número de adeptos, são pulverizadas, sem uma hierarquia que congregue todas, ao contrário da igreja católica.

⁴ Termo usado por Fry (1982) para denominar o sentimento que atua como motor maior da adesão a religiões populares.

⁵ Como mostra Carreiro (2001) têm em comum uma ritualística centrada na magia, durkheimianamente falando.

Quanto às ciências “exatas”, teorias como a da relatividade e depois a quântica contribuíram fundamentalmente para esboroar crenças num paradigma que, à moda positivista, defendia verdades e certezas absolutas. Assim, a Ciência, que resolveria todos os problemas da humanidade, com o passar dos tempos também mostra relativa ineficácia: a medicina e as terapias oficiais, afinal não curam tudo, especialmente os males do espírito.

Se os ventos da pós-modernidade atingiram as “exatas”, o tropeço das sociais foi maior, pois o coeficiente de incerteza e subjetividade inerentes à sua própria metodologia torna ainda muito mais difícil a produção da “verdade”.

Os avanços tecnológicos parecem ter sido importantes para acelerar o declínio do modelo religioso. A pílula anticoncepcional, popularizada a partir dos anos 1960 (veja-se, os mesmos anos 1960...), provocou, em meu entender, a maior revolução que o século XX assistiu no Ocidente, a revolução sexual feminina. Libertas do fantasma da gravidez, as mulheres (isto é, mais de 50% da população) começaram, cada vez mais, a fazer do corpo instrumento de prazer, o que, obviamente, envolveu a população masculina. Combinaram-se (ou interagiram com) o declínio do poder simbólico da igreja católica, também na década de 1960, o movimento feminista que, organizado, espalhou-se pelo mundo, combatendo, difundindo e discutindo idéias; e o incremento dos meios de comunicação de massa, que jogaram tais idéias para o ar. Se até aquele momento vivia-se no Ocidente a era do culto ao espírito, o século XXI está vendo a do corpo⁶.

Mas as conseqüências do efeito-tecnologia não foram só estas. Por exemplo, o Céu, antes situado como acima das nuvens, foi alijado para lugar incerto e não sabido depois que o espaço cósmico - o que é do conhecimento geral - passou a ser esquadrihado por telescópios eletrônicos, povoado por satélites de todas as naturezas, observado *in loco* por astronautas, medido em anos-luz, trilhado por naves espaciais (quicá também tripuladas por ETs?). E então, para onde foi Deus, afinal?

Se, como mencionei, o campo científico do Ocidente nasceu a partir do religioso, e ambos estão em crise, não parece demais dizer que estamos não frente a um fenômeno que atinge um e/ou outro, mas a base em que se apóiam. Ou seja, *é o modelo ocidental como um todo que está em crise*.

O ocaso do modelo produziu psicologicamente, ao nível de grandes contingentes humanos ocidentais, um vácuo existencial significativo representado por um desencanto geral do mundo: se a própria ciência têm dúvidas sobre si mesma e os velhos dogmas religiosos perderam importância, onde, pergunta-se, vai se apoiar a ancestral auto-consciência sobre nossa fragilidade, como humanos?

Se os segmentos mais pobres da sociedade experimentaram a sensação de vácuo religioso, para as elites pensantes o sofrimento foi duplo: pela religião e pela ciência. E a reação foi outra. Por um lado, sua própria carga de informação e formação, em muitos casos acadêmica ou tendo esta como modelo, constituía um impedimento, já de muito, para acreditar piamente em certas crenças cristãs

⁶ São indicadores do culto ao corpo e legitimidade do prazer sexual as cirurgias plásticas, o uso de materiais e técnicas, como botox, silicoes, lipoaspirações, malhação, para melhor atrair parceiros, como a extraordinária proliferação de motéis, anúncios de jornais oferecendo acompanhantes polivalentes.

clássicas. A existência de um Deus poderoso? Sim, mas não na figura desse patriarca celeste judaico-cristão, ambivalente: severo, controlador, exigente, sério e carrancudo, que premia os bons filhos mas que por qualquer dá-cá-aquela-palha pode jogar o infrator *ad aeternum* na rua da amargura. Ou de um Céu, com seus anjos e santos, e um Inferno sob a égide das fogueiras de Satanás. Tudo muito primário e simplista, convenhamos, para quem está familiarizado com os princípios da lógica grega.

O caminho das elites para contornar a crise foi interessante. Partindo da idéia do vácuo, pode-se dizer que a ele se sucedeu, num primeiro momento, uma sensação de desapontamento, evoluindo depois para uma recusa ao velho modelo e a busca de um substituto. A escolha recaiu para o lado oposto, geográfica e religiosamente falando, o “Oriente”, com seu “esoterismo”.

“Oriente”, *locus* de mistérios espirituais

A busca ansiosa do Ocidente pelo “Oriente”, visto como *locus* da verdadeira espiritualidade, transformou-se num vagalhão crescente. Não se trata, porém, de um Oriente concreto, localizado geograficamente no espaço (há, veja-se, o Próximo, o Médio e o Extremo, cada um multicultural) e no tempo, mas antes de tudo virtual, uma construção a partir de representações coletivas. E por isto indeterminado, mítico, atemporal. Um lugar onde a magia e o mistério pululam no cotidiano das gentes. Mas não poderia ser de outra forma, pois, se real, palpável, de forma alguma atenderia aos anseios dos órfãos de todos os paradigmas desta banda ocidental do Globo.

A idéia de um Oriente mágico-místico já consta nos relatos de viajantes da Antigüidade, tem continuidade nos escritos de alquimistas, passa por figuras como Mesmer, ganham incremento nos anos 1950 com os ensinamentos da Madame Blawatsky, referidos à Índia-Nepal-Tibet. A divulgação e expansão mais recente das idéias esotéricas no Ocidente, quase todas de origem “oriental”, devem muito aos meios de comunicação de massa, em especial à literatura, especializada ou não na área. Das revistas, teve muita repercussão, no Brasil a “Planeta”, que veiculava matérias tipo científicas juntamente com esotéricas. Nos anos 1960-70 surgiu uma coleção famosa, traduzida em vários idiomas. Recorrendo à memória, nela se destacava um best-seller mundial, “A Terceira Visão”, assinado por Lobsang Rampa. Tal como em Blawatsky, o cenário geográfico era o mesmo. Na capa do livro, a figura de um indiano estereotipado, com turbante, em cuja testa destacava-se um enorme olho, simbolizando alta capacidade de percepção extra-sensorial. Pouco importou a descoberta posterior de que Rampa na verdade era um alfaiate londrino que jamais havia pisado no “Oriente”: o livro correria o mundo e catapultara a figura do autor para o estrelato.

Quanto aos romances de aventura, li ainda muito jovem, numa coleção de grande circulação e dirigida à juventude (Terramarear), a história de uma viagem a Marte. Se a memória não me falha, “O Náufrago do Espaço”. O herói, um europeu, vai à Índia e dispõe-se a realizar a viagem. O veículo é uma cápsula espacial movida a energia “mental”. No caso, uma grande rede de gurus locais, combinadamente, transmite por telepatia suas energias mentais a um deles, sentado em frente à cápsula. Quando a concentração energética chega ao máximo, dois poderosos fochos de luz saem dos olhos deste em direção à nave, que parte com incrível velocidade e leva o

protagonista a seu destino. “Horizonte Perdido”, romance que virou filme e fez sucesso mundial, falava de um aventureiro que vai a um mosteiro do Himalaia e encontra um monge, também europeu, que depois descobre ter algumas centenas de anos. Ao voltar traz consigo uma bela jovem que, bastou descer das montanhas, transforma-se numa mulher velhíssima, encarquilhada: sua juventude e beleza eram conservadas apenas pelos efeitos místicos dos arredores do mosteiro. As obras do brasileiro Paulo Coelho, com temática correlata, foram traduzidas para vários idiomas e já venderam mais de 150 milhões de exemplares no mundo.

Vale lembrar, ainda, o impacto da visita dos então popularíssimos Beatles ao Tibete e seu encontro com um monge, que mais tarde, mudando-se para o Ocidente, faz também fama e fortuna.

Nos últimos tempos surgiram no Ocidente inúmeros programas de rádio e TV, *sites* na internet, CDs, publicações de todos os tipos e uma infinidade de estabelecimentos especializados ou não, lojas, livrarias, bancas de revista, que vendem tal material.

Tais exemplos são significativos para ilustrar parte do processo de divulgação e implantação de representações ligadas a este Oriente esotérico junto a amplos segmentos da população ocidental especialmente a letrada, seja na juventude, como foi meu caso, seja no público adulto.

O “esoterismo”

Um exame no que é entendido por *esoterismo* revela um universo riquíssimo e múltiplo. Mas também que é um composto, um apanhado fragmentário de realidades religiosas (e/ou filosóficas) diversas de regiões também diversas, com pouca articulação lógica e coerência internas⁷. Estamos face, pois a uma de selva de símbolos, para usar uma expressão de Turner (1980) - mas melhor seria dizer barafunda - onde se sobrepõem, combinam, interpenetram, fundem e confundem, crenças, idéias, pressupostos, provindos da mais diversas e indefiníveis origens, onde ainda podem ser incluídas as chamadas credices e superstições populares. Pela natureza caótica, é um bom alvo para elocubrações, interligações, re-leituras e ressemantizações intelectuais de todos os tipos, mesmo as mais bizarras. A fisionomia do conjunto lembra a do mundo das crenças/culturas populares, consideradas por Gramsci (s/d) como um “aglomerado indigesto de fragmentos”.

A grande divulgação do fenômeno fez com que tais representações descessem para os segmentos menos letrados, como os adeptos das religiões afro-brasileiras, por exemplo. Ali, em muitos templos e em várias partes do País, observei culto a entidades da “Linha Oriental”, como as pombagiras ciganas ou o deus da felicidade japonês, confundido com Buda. Moab Caldas e Adalberto Pernambuco Nogueira, intelectuais orgânicos da umbanda, no Rio Grande do Sul, são exemplos do reflexo destas idéias nesse meio. O primeiro manteve dos anos 1970 a 1990, no jornal Zero Hora, de grande circulação, uma coluna sobre a umbanda. O segundo, presidente de federação, edita um pequeno jornal. Ambos alinham-se à

⁷ Não se entenda que não acredito na eficácia da acupuntura, yoga, do-in e outras técnicas, incluídas nesse “esoterismo”. Estou destacando é a forma como tal universo é construído pelo senso comum: retalhos como que recolhidos a esmo e costurados arbitrariamente entre si, de qualquer maneira.

chamada “umbanda esotérica”, onde o “Oriente” marca presença forte, espíritos de monges tibetanos podem possuir os participantes, e muito comumente princípios da Física são invocados para explicar fenômenos místicos.

A entusiasmo das elites pensantes por esse “esoterismo” genérico e confuso durou pouco, provavelmente por ser demais incongruente com sua visão de mundo. Ou seja, a força do fator inércia resultante da própria condição de velhice e abrangência do antigo modelo impediu que a fruta caísse longe do pé. Para tornar tudo isto mais palatável era preciso escaneá-lo e depois passá-lo pelo filtro do olhar ocidental.

É provável que passe também por estes fatores a explicação da rapidez com que o *feng shui* ganha espaço no Ocidente.

O *feng shui*

Pier Campadello, engenheiro civil graduado pela USP, autor do livro “*Feng Shui* Prático e Fácil” (Campadello, s/d), refere que o *feng shui* integra a filosofia taoista, chinesa, que por sua vez se baseia na relação entre os elementos água, fogo, metal, madeira e terra. *Feng*, menciona, significa água, e *shui*, vento. Tais elementos indicam, já, a ligação do taoísmo (e do *feng shui*, pois) com a Natureza, e portando a ecologia. Invocando os princípios do tantrismo, prega a liberdade sexual, tanto por ser fonte de prazer, como benéfica ao corpo e *mente*. Utilizando dados da obra de Campadello, além de entrevistas e observações junto a outros conhecedores do assunto, foi possível traçar resumidamente um panorama do universo fengshuiano e seus praticantes.

A base da doutrina está na idéia budista de que tudo o que existe no mundo, vegetais, minerais e animais, são compostos por átomos, sendo que estes possuem cargas eletromagnéticas diferenciadas. Tais cargas produzem radiações energéticas. A Terra possui magnetismo próprio, de onde advém os 4 pontos cardeais. O magnetismo corresponde a uma onda vibratória correlata à da luz. Dependendo da forma com que os átomos se arranjam, teremos ondas vibratórias, e portanto energias, variadas. Segundo, ainda, Campadello, há energias positivas e negativas em constante circulação no mundo, e conseqüentemente, na casa, objeto maior do livro. Localização, divisões internas e moradores são fatores importantes a serem considerados. O conjunto de minerais existentes no terreno, por exemplo, emite determinado tipo e intensidade de energia, a qual por sua vez vai interagir com a de todos os materiais que usarmos, das paredes às aberturas, tubulações de água, rede elétrica, piso, os pigmentos das tintas. A disposição das divisões internas também influi no fluxo das energias. Acidentes geográficos próximos, rios, correntes de água superficiais ou subterrâneas, montanhas, entram igualmente na combinação com seus coeficientes energéticos. Novas interações de energia vão ser deflagradas na casa quando colocarmos os móveis e decoração e finalmente, nos instalarmos nela, porque energias também percorrem certos meridianos existentes no corpo humano. E estas interagem com as oriundas das roupas (botões incluídos), sapatos, adereços, enfeites, obturações dentárias, marca-passos. Ao inserir-se na casa, o indivíduo provocará, mas igualmente sofrerá, interferências do entorno.

A totalidade dessas forças energéticas, ainda segundo o autor, podem ser identificadas por especialistas que detenham percepção extrasensorial e conheçam as propriedades de certos implementos, principalmente os pêndulos, artefatos metálico

ou de madeira suspensos da mão do especialista por um cordão. O exame visa promover uma harmonização deste complexo, neutralizando-se ou barrando a entrada das energias negativas e facilitando o fluxo das positivas. Aspectos, como quinas nas paredes, móveis, biombos, presentes no espaço doméstico, podem provocar desvios das correntes energéticas. Certos objetos e substâncias, como pirâmides, tijolos de barro, sal grosso, cristais e plantas, além de móveis e címbalos de metal e cerâmica, que soam e se agitam com o vento, são muito úteis para resolver problemas. Espelhos, dependendo de sua disposição no ambiente, podem rebater fluxos energéticos negativos, impedindo sua penetração no imóvel, ou trazer de fora os positivos e distribuí-los no ambiente. Deve-se evitar a localização da cozinha (local de energias positivas, pois ligadas à produção dos alimentos) ao lado do banheiro (negativas), pois estas poderão invadir a cozinha e eliminar as outras. Ainda no banheiro, não se deve dar a descarga no vaso sanitário sem fechar sua tampa, pois é grande o risco de fuga das positivas e contaminação e eliminação das positivas. O banheiro da empregada, diz Campadello é, de todas as dependências, a que mais oferece perigo, devendo dispor de uma porta com mola para que se conserve sempre fechada, pois as energias negativas aí liberadas contaminarão os demais dos ambientes⁸. Caso não haja condições de equilibrar o sistema, a desarmonia for muito séria, a única solução é mudar-se para outro imóvel. “N” ocorrências, como trocas de fiação elétrica e telefone em ruas adjacentes à casa, podem ainda provocar alterações nas energias do prédio, o que demanda vigilância constante e inspeções periódicas.

Outros exemplos ajudam a compor o quadro. Num programa de TV de Luciana Gimenez, de grande audiência, um convidado auto-declarado especialista em *feng shui* afirmava que o fogão não poderia ficar vizinho à pia da cozinha, pois as energias positivas oriundas da preparação dos alimentos escoariam pelo ralo da mesma. Um ouvinte, pelo telefone, alegando ser impossível recolocar tais implementos na quitinete em que morava, quis saber o que faria. A resposta foi que colocasse um pequeno tabique de madeira entre ambos, o que impediria a passagem da energia positiva pelo ralo.

Y., afirmando ter por base os princípios do hinduísmo e taoísmo, declara-se especialista em *feng shui*, atua basicamente com acupuntura, mas costuma utilizar muitos outros materiais e recursos, como o i-ching, tarô, pirâmides, cristais, técnicas da numerologia, radioestesia, cromô, músico e arteterapia e “xamanismo”. O xamanismo, afirma, baseia-se nas técnicas de cura indígenas em geral, nas quais também podem ser identificadas correlações entre o corpo e comportamento humanos e o de certos animais, partindo daí as terapias. Tudo isto, segundo ela, tem relações com o *feng shui*. Seu consultório tem várias salas. Uma delas, destinada ao tratamento de certos clientes, tem algo de um peji das religiões afro-brasileiras: é pouco iluminado, porta fechada, estranhos não são bem-vindos, uma variedade

⁸ Campadello não explica a razão de estar tão associada a perigos. Cabe dizer, entretanto, que a figura da empregada doméstica costuma ser revestida de uma simbólica característica, cercada de evitações e tabus e vista como perigosa, talvez por ser uma integrante da classe baixa que convive, de forma bastante íntima e dentro do ambiente doméstico, com a média/alta. Cercá-la de tabus seria uma forma de impedir a “mistura”, mantendo as respectivas diferenças e “lugares”. Sendo entendida como “suja”, é entretanto quem retira a sujeira produzida pelos patrões, ficando estes simbolicamente mais limpos e ela, paradoxalmente, ainda mais suja.

imensa de objetos e implementos - cristais, figuras com os signos do zodíaco - dispõem-se em prateleiras e paredes. Y. sempre trabalhou bastante, pois tem um clientela considerável, a grande maioria com bom nível de renda. Recentemente mudou-se de São Luís para uma pequena cidade com estações de águas termais, em um Estado do Sul. Lá passou a atender o pessoal que busca a cidade, a maioria idosos e de ótima situação econômica. Hoje, a primeira consulta varia de 35 a 50 reais, mas pode chegar a 100, conforme o caso. Dependendo do tempo de tratamento, o valor é combinado com o cliente.

Quanto a clientes, temos um casal, O. e A. O., declara-se ateu, é historiador, livros publicados, bem informado, cursou o Mestrado em sua área, capacidade intelectual privilegiada e capaz de estabelecer elaborações refinadíssimas e coerentes quanto aos processos históricos. O. mora com A., socióloga, alto grau, também, de inteligência, simpatizante do *feng shui*. Ambos são muito amigos de Y., referida antes. A pedido de A., coadjuvada pelo parceiro (que também conhece os princípios da doutrina), orientou a execução de intervenções no apartamento do casal - colocação de tijolos de barro nos fundos, um pote de sal grosso no banheiro, algumas pirâmides e móveis estrategicamente colocados. A. é interessada em obras que em seu entender digam respeito ao campo esotérico: religiões afro-brasileiras e “orientais” em geral, medicina alternativa etc. Portadora de sangue A-positivo, segue ensinamentos de um autor que prescreve um regime alimentar para tal tipo.

De um certo tempo para cá, várias livrarias de São Luís inauguraram prateleiras - que não param de aumentar - sob o título de “esoterismo. Livros sobre o assunto também ocupam espaços consideráveis nas casas de artigos religiosos (que vendem desde santos católicos a material para feitiçaria). Informações obtidas junto a livrarias de São Luís, São Paulo e Porto Alegre, indicam que as publicações esotéricas são as que alcançam maior consumo atualmente. Entre estas, as especializadas em *feng shui*, embora poucas até o momento, têm grande procura.

Mais recentemente, a coluna de livros mais vendidos da revista Veja abriu uma secção de livros com o título “Auto-ajuda e esoterismo”. Lá podem ser observados casos como o da obra “A Arte da Felicidade”, em que o Dalai Lama é co-autor: a vários anos ocupa a lista dos de maior sucesso internacional.

Conclusões

O modelo da cultura cristã-ocidental, embora em declínio, tem, como vimos, considerável efeito de inércia. Daí que um produto novo, como o *feng shui*, ao mesmo tempo que não pode se afastar muito do modelo antigo, do que é familiar, tem de propor vantagens que atendam às novas aspirações do mercado. Intelectuais orgânicos, como Campadello, são capazes de realizar tal costura. Conforme informa seu livro, possui dois cursos superiores (engenharia civil, na Politécnica da USP, e Segurança do Trabalho, na Fundação Álvares Penteado, em São Paulo, ambas instituições famosas), atua na área esotérica a mais de 20 anos, cerca de sete livros publicados, estudou psicologia em Caracas, iniciou-se com mestres orientais da linha zen-budista, vivenciou a filosofia tântrica na Índia. É significativo que na orelha do livro os cursos superiores sejam referidos em primeiro lugar, só depois as realizações na área esotérica. Observe-se, seu currículo acadêmico lhe confere autoridade e confiabilidade, o que vai atuar como aval para seu conhecimento esotérico, e este se auto-reforça por destacar ícones-emblemas deste campo, como

os “mestres zen-budistas”, “tantrismo” e “Índia”. Como engenheiro civil, ainda, autoridade quanto a habitações que, como mostra Matta (1985) centra a vida do indivíduo. Repetindo as palavras da contra-orelha do livro de Campadello, “Quem não quer uma casa agradável e aconchegante, que transmita paz e harmonia?”

Sobre as novas propostas, a religiosidade “oriental”, não condena, ao oposto do Ocidente, o sexo-prazer, coqueluche de nosso início de século: ao contrário, cultua-o, haja vista as considerações do mesmo Campadello sobre o tantrismo⁹.

Quanto ao que nos é familiar, um dos pontos positivos deste *feng shui* moderno e intelectualizado é partir de uma teoria explicativa suficientemente conhecida e vista como legítima pelo público letrado, a física atômica, baseada em princípios da lógica simbólica. De fato, a matéria é composta de átomos cujas cargas energéticas, em forma de irradiações eletromagnéticas, vão interagir entre si e com as de outras matérias próximas. E a interação destas cargas gera um campo de forças. Outro ponto é que, filho do budismo/taoismo, com a perspectiva panteísta destes, o *feng shui*, harmonizando o indivíduo com a natureza, alinha-se às idéias ecológicas, em alta nos últimos tempos.

O *feng shui*, ainda, bem de acordo com a vida atual, é prático, aqui e agora. Além disso, permite a intervenção do próprio usuário, propondo um *faça você mesmo*, basta comprar um manual na lojinha da esquina

O grande problema em que o *feng shui* esbarra é metodológico. Considerando-se um imóvel, com seus materiais, habitantes e entorno, veremos que a infinitude das variáveis e suas combinações são tantas que é praticamente impossível um diagnóstico confiável. A própria complexidade do sistema por si só abre espaço por demais excessivo para a subjetividade do observador-especialista, que praticamente pode escolher, nesse self-service, as combinações que preferir. A única e inevitável solução (aliás, a que Campadello escolhe) é o reducionismo, ou seja trabalhar com um mínimo de variáveis, o que resultará em intervenções simplistas mas possíveis: mudar algum móvel, colocar espelhos estrategicamente nas paredes. Pelo que tenho observado, funciona para aplacar angústias do dono da casa, pois, como na feitiçaria, o mal foi identificado e neutralizado. De mais a mais, não se pode esquecer que esses órfãos intelectualizados do modelo ocidental estão sôfregos para voltar a acreditar em algo.

Para finalizar, foi visto, compõem o modelo ocidental idéias como a de um mundo espiritual dicotômico presidido por duas entidades antagônicas onipresentes, Deus (e Bem) e Diabo (Mal), que concorrem ferozmente entre si para interferir na vida dos humanos. Tal como o deus cristão, não é pelo fato de representar o bem que deixa de infligir terríveis castigos a quem não cumpre seus preceitos. Mesmo a proteção espiritual de Deus será nada se deixarmos o sempre insidioso Diabo tomar conta de nós, com o fogo eterno como epílogo. Mas que, intelectual, hoje, pergunta-se, ainda acredita piamente nestas coisas? Mais aceitável é traduzir tais entidades por

⁹ A legitimidade e generalidade crescentes da idéia de que o corpo pode ser usado para o prazer é tanta que até mesmo as igrejas cristãs estão sendo irremediavelmente arrastadas para um rumo de despecadização do corpo-sexo. São exemplos os trajes colantes e muitas vezes transparentes que um grande contingente de mulheres jovens da considerada ultra-conservadora Assembléia de Deus, usa nos cultos, além de saias bastante curtas que tomaram conta, impunemente, de muitos templos católicos.

energias. E aí teremos o *feng shui*. São, pois, as energias, positivas e negativas que vão constituir as novas forças deste novo sagrado, um novo Diabo e um novo Deus, também em perene conflito para manipular a humanidade, motivo pelo qual precisamos nos manter em constante estado de alerta a fim de poder levar a vida em paz e harmonia.

O *feng shui*, pretendendo ensinar a lidar racionalmente com as energias que supostamente nos cercam, vem contribuindo, mas com nova roupagem, para o reencantamento do mundo espiritual do Ocidente, preenchendo assim o vácuo existencial produzido pela queda de paradigmas científicos e religiosos.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPADELLO, Pier. *Feng shui Prático e Fácil*. São Paulo: Madras Editora, s/d.
- CARREIRO, Gamaliel da Silva. *Protestantismo: da Religião de Grupo ao Espetáculo do Sagrado*. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, 2001 (mimeo.).
- CORRÊA, Norton F. *O Batuque do Rio Grande do Sul - antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992.
- FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- MATTA, Roberto da. *A Casa e a Rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- TURNER, Victor. *La Selva de los Simbolos*. México: Siglo Veinte, 1980.